

O ESTATUTO DA VIDA CONTEMPLATIVA E ATIVA NA MÍSTICA ESPECULATIVA DE MESTRE ECKHART COM BASE NO SERMÃO 86, A EXCELÊNCIA DE MARTA SOBRE MARIA.

Moises Alves¹
Co-autor Pedro Calixto²

Resumo: O seguinte artigo tem como objetivo apresentar a interpretação realizada pelo filósofo e místico alemão Mestre Eckhart, das figuras de Marta e Maria no sermão de número 86 *A Excelência de Marta sobre Maria*. Apoiado neste sermão, faremos algumas análises filosóficas dos conceitos de vida contemplativa e vida ativa, pois compreendemos que ao realizar a interpretação da superioridade de Marta sobre Maria, Mestre Eckhart estabelece um novo paradigma interpretativo da vida contemplativa e ativa na filosofia medieval.

Palavras-chaves: Mestre Eckhart. Mística. Vida contemplativa. Vida ativa. Marta e Maria.

Abstract: The following article aims to present an interpretation made by the German philosopher and mystic, Master Eckhart, of the figures of Martha and Mary in the sermon number 86 *Martha's Excellence on Mary*. Based on this sermon, we will make some philosophical analyzes of the concepts of contemplative and active lifes, as we understand that by interpreting Marta's superiority over Mary, Master Eckhart lays down a new interpretative paradigm of contemplative and active life in medieval philosophy.

Key Words: Master Eckhart. Mystic. Contemplative life. Active life. Marta and Maria.

¹ Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) sob a orientação do prof. Dr. Pedro Calixto. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1514635332745210> . E-mail: moises.ufjf@gmail.com

² Doutor pela Universidade de Paris Sorbonne e Universidade de São Paulo. Concluiu o pós-doutoramento pela Universidade de São Paulo sob a orientação de Moacyr Ayres Novaes Filho. Ex-professor da Universitas Catholicas Parisiensis – PUC – Paris. Professor na Universidade Federal de Juiz de Fora Pesquisador junto ao CEPAME – Universidade de São Paulo. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0104971775700240>>. E-mail:<pedro.calixto@ufjf.br>. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-6283-1836>>.

Introdução

A obra de Mestre Eckhart pode ser dividida em duas partes: obras latinas³ (*Lateinische Werke* – LW) e obras alemãs⁴ (*Deutsche Werke* – DW). As obras latinas compreendem aquelas escritas no ambiente universitário, no contexto das disputas e dos comentários. Agora, às obras alemãs, fazem parte não apenas das atividades de sua docência, mas também de sua atuação como superior provincial da Saxônia e pregador. No tocante à esta divisão das obras de Mestre Eckhart, seus sermões foram identificados como pastorais, e neste caso, erroneamente alguns estudiosos os identificaram como desprovidos de uma regularização formal filosófica, e assim a receptividade entre os acadêmicos não foi a mesma que as obras latinas. Entretanto, surpreendente como apontam as novas pesquisas e avanços conceituais e metodológicos⁵ dos sermões alemães, estes, são ricos em problemas e temas especulativos, isso porque Eckhart desenvolvia em seus sermões uma interpretação para além da prática exegética monástica e escolástica medieval, seu método era

³ O pensamento de Mestre Eckhart chega até nós principalmente por essas formas: Escritos acadêmicos (*Collatio in libros Sententiarum; Opus tripartitum; Quaestionis Parisiensis*), alguns tratados e sermões latinos (*Tractatus super oratione dominica; Sermo Paschalis; Sermo die Augustini Parisius habitus; sermones et Lectiones super Ecclesiastici; 52 Sermones de tempore; 4 Sermones de sanctis*).

⁴ Tratados e sermões no alto alemão vernáculo (*deutsche Predigten; Reden der unterweisung; Von abgescheidenheit; Das Buch des göttlichen Tröstun; Von edlen Menschen e Granum sinapsis*). Para uma leitura dos sermões alemães em português, ver ECKHART, Mestre. *Sermões Alemães: sermões 1 a 60*. Tradução e introdução, Enio Paulo Giachini. 2º Ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis; Vozes, 2009. ECKHART, Mestre. *Sermões Alemães: sermões 61 a 105*. Trad. Enio Paulo Giachini. 2º Ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis; Vozes, 2008. Para a leitura das obras latinas e alemãs de Mestre Eckhart, ver a edição *Die deutschen Werke*, edited by J. Quint and G. Steer, vols i–V, Stuttgart: Kohlhammer, 1936–2007 (=DW) Band 1: *Meister Eckhart predigten*, J. Quint (1–24), 1958. Band 2: *Meister Eckhart predigten* (25–59), J. Quint, 1971, reprint 1988. Band 3: *Meister Eckharts predigten* (60–86), J. Quint, 2000. Band 4, 1: *Meister Eckharts predigten* (87–105), G. Steer, 1997, 2002, 2003. Band 4, 2: *Meister Eckharts predigten* (106–128), G. Steer, 2003. Band 5: *Meister Eckharts Tractate. liber “Benedictus.”* (I) *Das Buoch der götlichen troe-stunge*. (II) *Von dem edeln menschen. Die rede der underscheidung. Von abgescheidenheit*.

⁵ Duclow e Milem publicaram estudos importantes sobre os tópicos de suas respectivas contribuições, que reconhecem o papel da Bíblia e das atividades exegéticas e homiléticas de Eckhart como um componente crucial de seu pensamento. Ver Don Duclow, “*Meister Eckhart on the Book of Wisdom: Commentary and Sermons*,” *Traditio* 43 (1987): 215–35; Bruce Milem, *The Unspoken Word: Negative Theology in Meister Eckhart’s German Sermons* (Washington, D.C.: 2002). Ver também: *Lectura Eckhardi I–III*, ed. G. Steer and L. Sturlese (Stuttgart: 1998, 2003, 2008).

distinto, às vezes idiossincrático, abordava textos bíblicos com uma visão fundamentada em um critério não apenas teológico, mas filosófico.

Ainda sobre os sermões alemães de Mestre Eckhart, não podemos simplesmente inseri-los na tradição entendida substancialmente como simples propagação das homilias dos padres da Igreja, mas situá-los dentro de um contexto das disputas, dos conflitos de leituras e interpretações teológicas e filosóficas da escolástica, e neste sentido, estão longe de serem meramente documentos de mensagem devocional. A título de exemplo, Pedro, o Cantor em sua obra *Verbum abbreviatum* propôs um programa em três artigos que atende toda à função do teólogo, sendo adotado pelas Universidades medievais: “O ensino da Sagrada Escritura consta de três elementos: leitura, disputa e pregação (*praedicationem*)”.⁶ Este último ocupava o lugar de “conclusão” da trajetória acadêmica do estudante em teologia, dado a importância da elaboração do sermão, que consistia em ter conhecimento das regras retóricas⁷ precisas. Desta maneira, a pregação no ambiente universitário efetivava-se como uma síntese do aprendizado do estudante, onde o próprio teria que possuir uma capacidade de relação entre os principais temas e problemas teológicos e filosóficos com a exegese bíblica, portanto, não é exagero declararmos que os sermões em ambientes universitários conservavam a experiência da reflexão filosófica.

A princípio, os sermões de Mestre Eckhart são herdeiros desta tradição da pregação “universitária” nutrido de reflexão filosófica, contudo, há também uma segunda influência, a saber, dos religiosos e leigos. Os sermões alemães correspondem às pregações proferidas em alemão, logo, destinadas não a um grupo seleto de mestres e estudantes universitários cujo a língua de estudo era o latim, mas ao povo alemão, especialmente aos grupos de dominicanas em conventos, beguinas,

⁶ Petrus Cantor, *Verbum Abbreviatum* 1, P. L. (Migue), t. 205, 25: “*In tribus igitur consistit exercitium sacrae Scripturae: circa, lectionem, disputationem et praedicationem.*”

⁶ São João 11.1 - 27

⁷ As *artes praedicatorum* se difundiram principalmente entre os mestres parisienses de teologia do século XII, como Stephen Langton (1150 – 1228 d.C), Alain de Lille (1128 – 1203 d.C) e Pedro, o Cantor (1130 – 1197). O auge das *artes praedicatorum* se encontra na obra *Summa de Arte Praedicatoria*, do cisterciense Alain de Lille.

aos confrades de Ordem e ao povo em geral. Com efeito, esta segunda influência para a constituição dos sermões alemães nos coloca diante de uma tese importante, isto é, de que os sermões alemães de Mestre Eckhart não podem ser meramente lidos como textos devocionais ou pastorais, não obstante, os sermões apontam para uma ética, para as ações do homem no mundo e neste caso, são veredeiros convites ao cotidiano.

Para uma leitura coerente dos sermões alemães é importante que o leitor repare essas duas influências e assim suspenda qualquer preconceito com relação aos sermões medievais.⁸ A propósito, o sermão de número 86 de Mestre Eckhart, que empregaremos fundamentalmente em nossa discussão, comprova a nossa percepção de que não podemos ler os sermões alemães passivamente como documentos da história da espiritualidade cristã, pelo contrário, em especial neste sermão, Eckhart de maneira singular e criativa pretende resolver um dos problemas mais complexos da filosofia medieval, a saber, a valorização da vida prática e sua fundamentação espiritual e ética.

1 - A prioridade da contemplação sobre a vida prática: história da tradição interpretativa das figuras de Marta e Maria.

O sermão de número 86, *A excelência de Marta sobre Maria*, de Mestre Eckhart é considerado um sermão raro e original. Eckhart desenvolve uma reflexão sobre Marta e Maria que pode ser encontrada na passagem do Evangelho de Lucas 10,38-42. Segunda a leitura tradicional, Marta e Maria eram irmãs biológicas, porém, duas figuras completamente distintas. Conforme a interpretação comum, Maria representava a vida contemplativa, devido ao seu lugar de destaque, isto é, aos pés de Jesus em um contentamento e esquecimento do mundo. Marta, por outro lado,

⁸ Para uma leitura sobre os sermões medievais como exercícios discursivos, dos quais devemos ponderar os aspectos retóricos do gênero em que se inserem e, com isso bem demonstrado, levar em conta os aspectos sociais e fenomenológicos com os quais se articulam, ver MIATELLO, André Luis Pereira. *Santos e Pregadores nas Cidades Medievais Italianas: retórica cívica e hagiografia*. Ed, Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013. Também: *Dicionário analítico do Ocidente medieval: volume 2/ Jaques Le Goff, Jean-Claude Schmitt (Orgs.); tradução coordenada por Hilário Franco Junior – São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 410.*

caracteriza a vida prática, pois sua ação dedicada em servir o hóspede orientava-se às atividades das coisas banais.

Os propagadores desta interpretação reforçavam uma suposta hierarquia que, segundo alguns, como veremos, a figura de Maria (contemplação) representava o ideal perfeito para uma vida verdadeira e feliz, enquanto Marta se tornou o modelo da vida sensível, dos prazeres, das ações, portanto, secundária e inferior à vida contemplativa. Por certo, essa era a leitura admitida pela tradição interpretativa, que até então, não agradou a Mestre Eckhart. Surpreendentemente Eckhart reverteu o modo tradicional de entender a passagem evangélica de Lucas, e olhou com simpatia para a figura de Marta identificando uma maneira excelente de ser e atuar no mundo. Marta foi superior à Maria porque seus sentidos não foram “arreatados” diante da presença de Jesus, ao invés disso, cuidou dos serviços da cozinha e da casa, e ainda se preocupou em servir o seu hóspede.

Embora a inversão realizada por Eckhart das figuras de Marta e Maria tenha sido original, não podemos descartar o processo interpretativo da leitura tradicional que viabilizava a superioridade da vida contemplativa sobre a vida ativa. Precisamos identificar quais os elementos filosóficos que contribuíram para tal leitura e como Eckhart rompe com a interpretação tradicional da perícopa lucana. De modo a entendermos este processo interpretativo, faremos uma genealogia histórica da interpretação das irmãs Marta e Maria realizadas por alguns autores medievais que não ignorou a herança platônica e aristotélica dos conceitos de *bios theōretikós* (vida contemplativa) e *bios praktikós* (vida prática).

De todos os autores que interpretaram a narrativa lucana, Orígenes, de Alexandria († 253 /254) é talvez o mais importante. O alexandrino foi o primeiro autor a introduzir em sua exegese alegórica, conceitos filosóficos platônicos e aristotélicos de *theōría* (theoria), que mais tarde foi traduzido por contemplação⁹ e

⁹ O vocábulo grego para o que denominamos por contemplação é *theōría*, o qual significa ato de ver e observar, ou seja, designa um olhar em direção de algo, porém, um olhar atento, perspicaz. Considerando que, o termo grego *theōría* envolve observar atentamente, a sua tradução para o latim *contemplatio* preservou, pelo menos no primeiro instante, a significação de observação minuciosa. O substantivo

praktikê (prática) que passou a significar vida ativa.¹⁰ Estes dois conceitos serviram de base teórica para a interpretação das figuras de Marta e Maria. Vejamos:

Pode-se admitir com franqueza que Marta simboliza a ação (*prâxin*) e Maria contemplação (*theôrian*). O mistério da caridade é tirado da vida ativa se o ensino e a exortação moral não se destinam a contemplar (*theôrein*): porque ação (*prâxis*) e contemplação (*theôria*) não existem uma sem a outra. É preciso dizer também que Marta recebeu a Palavra de maneira mais carnal (*Lógos*) dentro de sua própria casa, em sua alma, enquanto Maria o ouvia de caminho espiritual (*pneumatikôs*) ficando “a seus pés” (BELDA, 218, p. 146, apud ORÍGENES, 1962, p. 520, tradução nossa).¹¹

Com efeito, Orígenes não hesitou em sua interpretação alegórica, para ele a personagem Maria representava a vida contemplativa e Marta, a vida prática. Todavia, segundo o alexandrino, o vocábulo *prâxis* refere-se a prática das virtudes (sentido aristotélico) e ao serviço dos irmãos, e em outras ocasiões para indicar a pregação. Por este motivo, não se podia descartar a importância da vida prática do cristão, sobretudo, porque os exercícios práticos das virtudes possibilitam a purificação moral. Contudo, mesmo com a relação e reciprocidade da vida contemplativa e ativa, a contemplação de Maria é superior a prática de Marta, deve-se a esta última o início da trajetória do cristão no mundo, mas sua tarefa é levar o homem a contemplação, ou seja, ao caminho espiritual. Em vista disso, é necessário

feminino latino *contemplatio* é derivado do verbo *contemplor* que significa “olhar para (perto)”, “observar rigoroso”. Porém, a palavra latina *contemplatio* também se forma de *templum*, “um local de observação em augúrio” (Cf. Oxford Latin Dictionary, 1968, p. 426-427). Este último significado pode ser entendido pelo motivo que os augures romanos (encarregados da adivinhação) deveriam determinar a vontade dos deuses observando e interpretando o vôo dos pássaros em uma determinada área do céu. O *templum*, portanto, era um local, uma cabana de observação onde os adivinhadores romanos se hospedavam durante o seu trabalho. Depois de um tempo este termo adquiriu outros significados, sendo um deles de “santuário”, “local sagrado”, usados para cultos dedicados a uma divindade específica.

¹⁰ A interpretação da perícopé está disponível em: Orígenes, Com. in Lucam (fragmenta) n. 72, en Origène. *Homélies sur Luc*. Texte latin et fragments grecs, introduction, traduction et notes par Henri Crouzel – François Fournier – Pierre Périchon, en “Sources Chrétiennes”, 87, Les Éditions du Cerf, Paris 1962, 520-523.

¹¹ “Se podría admitir con veracidad que Marta simboliza la acción (*prâxin*) y María la contemplación (*theôrian*). El misterio de la caridad es quitado a la vida activa si la enseñanza y la exhortación moral no tienen como fin contemplar (*theôrein*): porque la acción (*prâxis*) y la contemplación (*theôria*) no existen la una sin la otra. Se debe decir además que Marta ha recibido de una manera más carnal la Palabra (*Lógos*) dentro de su propia mansión, en su alma, mientras que María lo escuchó de manera espiritual (*pneumatikôs*) manteniéndose “a sus pies”.

respeitar a hierarquia estabelecida que se ordena da vida prática para a vida mais perfeita, a contemplação.

Diferentemente de Orígenes que optou por uma interpretação alegórica, Basílio de Cesareia († 379) se preocupou com uma leitura literal de Marta e Maria. Ao olhar para perícopes de Lucas 10, 38-42, Basílio escolheu observar a experiência da hospitalidade: “Em que medida o cristão deve entreter um convidado durante as refeições. Marta, e com ela as múltiplas tarefas, ultrapassa os limites do suficiente para satisfazer o convidado” (PORTUGUÊS, 2016, p.19 apud ROMERO, 2003, p. 110 - 122).¹² O problema que São Basílio levanta nesta interpretação são os limites da hospitalidade, e este talvez tenha sido o defeito de Marta, pois se empenhou em inúmeras tarefas e esqueceu-se em dedicar a pessoa do hóspede. Marta preferiu muitas coisas, múltiplas tarefas, Maria por outro lado, escolheu o hóspede e em razão disso, foi mais excelente que Marta.

São João Crisóstomo († 407) também merece a nossa atenção. Se tornou bispo de Constantinopla em 399. Em Constantinopla, Crisóstomo agiu como um reformador, fez da pregação a sua espada mais afiada, e com isso ganhou o apelido de “boca de ouro” devido a eloquência de seus sermões. A interpretação realizada por São João Crisóstomo de Marta e Maria foi literal e histórica. Vejamos o que o nosso orador disse sobre as irmãs de Betânia:

Em uma de suas homilias, ele afirma que o Senhor não condenou o trabalho de Marta, mas seu apego às coisas terrenas e sua preocupação com o amanhã. Então não encoraje trabalhar sem mais, mas com o desejo de ajudar os outros. Continua a argumentação dizendo que é preciso orar e trabalhar, sabendo encontrar a hora certa para cada coisa (PORTUGUÊS, 2016, p. 21, tradução nossa).¹³

¹² “*la medida con que el cristiano debe agasajar a un huésped en las comidas. Marta, con sus múltiples que haceres, se excede más allá de los límites de lo suficiente para dejar satisfecho al convidado*”.

¹³ “*En una de sus homilias afirma que el Señor no ha condenado el trabajo de Marta, sino su apeamiento a las cosas terrenas y su preocupación acerca del mañana. Por eso anima a no trabajar sin más, sino con el deseo de ayudar al prójimo. Continúa su argumentación diciendo que es necesario rezar y trabajar, sabiendo encontrar el tiempo oportuno para cada cosa*”.

Marta é interpretada como alguém apegada as coisas triviais do mundo. Da mesma forma, segunda a leitura de Crisóstomo, ela se assemelha a pessoa descontrolada e exagerada, que não conhece os limites de sua relação com trabalho. O equilíbrio entre a oração e o trabalho não foi uma experiência vivida por Marta. Por essa razão ao dizer para Marta que Maria escolheu a melhor parte, era como se Jesus dissesse: “faça um trabalho que lhe permita ouvir as palavras do Senhor e imitar o desejo de Maria de aprender” (PORTUGUÊS, 2016, p.21 apud ROMERO, 2003, p. 140-144).¹⁴

Apresentemos agora a interpretação de Agostinho de Tagaste († 430). Este, não desqualificou, em sua exegese das figuras de Marta e Maria, alguns elementos interpretativos de autores anterior a sua época. Mas é preciso admitir que o seu comentário possuiu um caráter peculiar e que influenciou muitos autores posteriores. Em sua análise da perícopa lucana no sermão de número 104¹⁵, Agostinho apresentou uma interpretação um tanto mais equilibrado, em que ambas as irmãs serviam ao Senhor admiravelmente, embora de maneiras diferentes. Porém, mesmo as maneiras dessemelhantes das irmãs em servir o Cristo, não foi o suficiente, para Agostinho, de eliminar o binômio Marta-Maria que passou a significar também duas realidades de vida, bem como a vida terrena, corpórea, múltipla e perecível representada por Marta, e o silêncio, a felicidade, a eternidade e a unidade retratada por Maria.

Além das distinções dos estilos de vida representadas em Marta e Maria, Agostinho também explorou uma hermenêutica escatológica da cena:

Uma imagem desse gozo foi-nos oferecida por Maria sentada aos pés do Senhor, atenta às suas palavras. Livre de toda ocupação e de certo modo arrebatada perante a verdade, o quanto possível nesta vida, prefigurou a realidade futura e eterna. Marta, sua irmã, estava atarefada no trabalho, embora

¹⁴“realizar un trabajo que permita escuchar las palabras del Señor e imitar el deseo de aprender de María”.

¹⁵ Cf. AUGUSTIN, Saint. *Les plus beaux sermons de saint Augustin*, trad. Georges Humeau, Paris, Études augustiniennes, tome 2, 1986. p. 147 - 152

útil e bom, mas transitório, até vir o descanso que perdura; quanto a Maria, repousava na palavra do Senhor (AGOSTINHO, 1994, p.38).

O arrebatamento de Maria, para o bispo de Hipona, não pode ser compreendido como um desapossar da verdade, ao contrário, seu retiro foi ao destino da verdade. Assim, aquele que encontrou a verdade, também encontrou a unidade, a eternidade e o Ser. Marta, viveu o desassossego do trabalho doméstico, embora produtivo, não proporcionou silêncio e contemplação, além de que a sua existência se encontrava pautada na transitoriedade, enquanto a de Maria, a conduzia ao futuro, para uma vida contemplativa e livre de toda a atividade.

Fica, deste modo evidente que, a crítica de Agostinho à postura de Marta não a torna desprezível. As atividades de ambas as irmãs são necessárias neste mundo, mas se deve compreender qual o lugar de cada atividade, da qual, a atividade de Marta pertence a este mundo, enquanto a de Maria inicia neste mundo e culmina na contemplação de Deus. Marta representa o trabalho, cansaço, laboriosidade, multiplicidade e o caminho, enquanto Maria representa o descanso, alegria, ociosidade, unidade e contemplação de Deus. Ambas são significativas, mas não há dúvida que para Agostinho, Maria simboliza a vida mais sublime, e conseqüentemente, não há dúvidas de que, mesmo indiretamente, Agostinho mantém a hierarquia de Orígenes, a conhecer, da superioridade da vida contemplativa sobre a vida prática.

Motivado por uma vida acética, João Cassiano († 435) foi um importante representante do monaquismo ocidental. Devido à grande influência que exerceu nos meios monásticos, a sua interpretação de Marta e Maria se tornou prestigiada e seguida entre os monges. Cassiano se concentrou em responder o trecho da perícopes em que Jesus disse a Marta: “apenas uma única coisa era necessária”¹⁶, a saber, a contemplação.

¹⁶ “*O que é então esta coisa única, tão incomparavelmente superior aos bens tão numerosos e tão grandes, que é preciso, para possuí-la, desprezar a todos e rejeitá-los? Sem dúvida, está excelente parte da qual Maria preferiu a magnificência e a perpetuidade aos deveres da hospitalidade, parte que foi pregada pelo*

Deste modo, João Cassiano endureceu a oposição hierárquica da vida contemplativa sobre a vida prática, sendo que união com Deus que o monge tanto almeja só poderá ser conquistada por meio da contemplação. Enquanto o monge estiver preocupado com as coisas terrenas, jamais entrará em contado com as realidades divinas.

Não poderíamos concluir esta genealogia história da interpretação de Marta e Maria sem mencionar dois autores de suma importância para a filosofia medieval, isto é, me refiro a Bernardo de Claraval († 1153) e Tomás de Aquino († 1274). Antes, é importante dizer que muitos sermões na Idade Média respeitavam o calendário litúrgico, e isso significa que durante grande parte deste período, Lucas 10,38-42 foi a leitura do evangelho para a festa da Assunção. A ligação de Maria e Marta com a Maria, mãe de Jesus, provou ser um terreno fértil para pregadores que buscavam revisitar o sentido espiritual do texto. Foi exatamente nesta festa que Bernardo compartilhou a sua interpretação de Marta e Maria, desenvolvendo uma alegoria rica e complexa para transmitir sua noção do ideal de “vida agregada”, onde a ação e a contemplação estão unidas em Maria, a mãe virgem¹⁷.

Qualquer leitor da biografia de Bernardo notará a sua dedicação em orientar os monges cistercienses, em virtude de que, o próprio foi um líder espiritual e fundador de muitos mosteiros. Para Bernardo, cada monge possui suas características, e é de suma importância discernir as qualidades de cada um. Tal discernimento era fundamental porque ajudava o abade a melhor organizar o mosteiro sobre a sua orientação, isto é, identificando aqueles que tinham as habilidades de Marta, Maria e Lazaro.¹⁸

Senhor [...] A teoria, ou seja, a contemplação de Deus é a única exigência cujo mérito supera todos os méritos das ações sagradas, os esforços da virtude” (Cf. Saint Jean. *Conférences*, XXII, 3, éd. et trad. Eugène Pichery, Paris, Le Cerf, 1955, tome 3, p. 141, tradução nossa)

¹⁷ Ver BERNARDO DE CLARAVAL, *En alabanza de la Virgen Madre*, in *Obras Completas de San Bernardo*, Tomo II, Madrid, B.A.C., 1984, 600-679

¹⁸ “Mas consideremos, irmãos, como nesta nossa casa a ordenação da caridade distribuiu estas três coisas: a administração de Marta, a contemplação de Maria, a penitência de Lázaro. [...] De modo que uns se empenhem na santa contemplação, outros estejam dedicados à administração pelos seus irmãos, outros

Bernardo de Claraval estava convencido de que a vida do monge representava a vida ideal para um cristão e, ao discernir as qualidades de cada monge, ele também demonstrou que ambos os caminhos são necessários (contemplação e ação) a vida, contudo, Maria simbolizava a contemplação, em decorrência disso, era superior à Marta. Todos os que eram como Lázaro e Marta, deveriam buscar a união com Deus, assim como Maria. O problema não se configura na dimensão prática da vida, mas em tornar a vida ativa o ponto de chegada. Qualquer pessoa poderia ter a vocação de Marta e ser operante no mundo, mas em se tratando da vida mais excelente, a via da contemplação era a única.

A contribuição da hermenêutica de Tomás de Aquino da cena de Marta, Maria e Jesus em Betânia é uma sistematização das interpretações anteriores. A peculiaridade de Tomás, no tocante a vida ativa e contemplativa, foi pensar a partir da influência de Aristóteles das divisões do intelecto.

A sua análise da perícopé se encontra em duas questões da *Summa Theologiae* (II-II, q.187 e 182)¹⁹. O dominicano propôs a distinção de três categorias de atividade: a vida ativa, contemplativa e a junção de ambas. A vida ativa era resumida na experiência da pregação e do ensino, na prática, moral e das virtudes (atividade externa), não obstante, este estilo de vida pode ser considerado sob dois aspectos: 1) o exercício das obras externas; 2) a atividade asceta que ordena e dirige as paixões da alma. Sobre a vida contemplativa, Tomás também preconiza uma divisão em três dimensões: a contemplação dos filósofos, a dos fiéis e a dos bem-aventurados.

voltem a experimentar na amargura da sua alma os seus anos, como os chagados que dormem nos sepulcros” (Cf. BERNARDO DE CLARAVAL, 1986, p. 364, tradução nossa).

¹⁹ Sobre a contemplação em Tomás de Aquino, ver Lucien Roy. *Lumière et Sagesse; la grâce mystique dans la théologie de Saint Thomas d’Aquin*. Montréal, L’Immaculée Conception, 1948; P. Philippe. *Contemplation V, Dictionnaire de Spiritualité, II*, cols. 1983 – 1987.

Acerca da contemplação dos filósofos que se situa no intelecto, Tomás, seguindo Aristóteles²⁰, distingue dois aspectos do intelecto: 1) contemplativo; 2) o ativo. O primeiro se concentra nas realidades invisíveis, são operações especulativas orientadas exclusivamente para a busca da verdade, enquanto o segundo procura operações práticas orientadas para o exterior, para as coisas sensíveis.²¹

Assim, conforme Aristóteles, Tomás mantém a subordinação do intelecto ativo ao especulativo. Em consequência dessa divisão do intelecto, a vida humana também é segmentada por essa dependência, já que a vida ativa tem por objetivo as realidades sensíveis, enquanto a vida contemplativa se concentra nas realidades inteligíveis. Nessa perspectiva, o homem se realiza na contemplação da verdade, que de alguma maneira, também pertence ao intelecto prático, mas sua efetividade acontece exclusivamente ao intelecto especulativo.

Toda essa exposição indica qual o posicionamento de Tomás a respeito de Marta e Maria. Para o dominicano, a vida contemplativa representada pela figura de Maria exige não apenas um único ato, mas vários, conforme diz:

Ademais, diz-se que à vida contemplativa pertencem "a oração, a leitura e a meditação". A ela pertence também o ouvir, pois de Maria, que representa a vida contemplativa, se disse que "sentada aos pés do Senhor, ouvia as Suas palavras". Logo, parece que a vida contemplativa exige muitos atos (TOMÁS DE AQUINO, II-II, q. 180, A.3, 2013).

O ato mais sublime da vida contemplativa é a contemplação da verdade, mas para se chegar à verdade, do qual recebe sua unidade, a contemplação é preparada por outros atos, por exemplo, a aquisição dos princípios, que tem por finalidade o caminho à contemplação da verdade. Por outro lado, como a vida ativa

²⁰ "Além disso, não é correto dividir o que é anterior por diferenças do que é posterior. Ora, o ativo e o contemplativo; ou o "especulativo" e o "prático" são diferenças do intelecto, claramente o diz o Filósofo" (Cf. TOMÁS DE AQUINO, II-II, q. 179, v. VII, A. 2, 2013)

²¹ "Esta divisão concerne à vida humana, que se define segundo o intelecto. Ora, o intelecto se divide em ativo e contemplativo, pois o fim da atividade intelectual ou é o próprio conhecimento da verdade, o que diz respeito ao intelecto contemplativo; ou é alguma ação exterior e, então, se refere ao intelecto prático ou ativo. Logo, também se divide adequadamente a vida em ativa e contemplativa (Cf TOMÁS DE AQUINO, II-II, q. 179, A. 2. 2013).

está a serviço da vida contemplativa, ela também faz parte, de algum modo, desses atos. Por exemplo, as virtudes morais, a pregação, o ensino e a felicidade existem para a realização maior e a mais perfeita: a contemplação. Em vista disso, todas essas atividades práticas precisam ser governadas pela razão, isto é, pelo intelecto.

Marta (vida ativa) é necessária, mas seu destino é ser Maria (contemplativa). Mas por que a vida ativa precisa ser governada pela razão e direcionada a contemplação? Em Tomás de Aquino a vida ativa é perigosa. A política, a administração da cidade e de negócios são necessárias, mas também existe a cobiça, a volúpia, a mentira que poderá seduzir o homem a desejar as coisas do mundo, e assim, perder totalmente a razão.

2- A mudança de paradigma da interpretação de Mestre Eckhart

A interpretação realizada por Orígenes da perícopos lucana, como observamos, legou aos comentários posteriores a distinção e hierarquia de Maria sobre Marta, não obstante, constatamos que os conceitos de contemplação e ação no sentido platônico e aristotélico influenciaram a exegese do alexandrino, e que mais tarde, os autores mencionados no tópico anterior, reforçaram com algumas modificações, a distinção e superioridade de Maria sobre Marta, da contemplação sobre a ação.

Além disso, o conceito de vida contemplativa ganhará um novo impulso, pois a partir do neoplatonismo, principalmente de Plotino († 270), a contemplação será um tema recorrente na tradição mística especulativa. Deve-se a Plotino a compreensão da contemplação como uma vida unitiva que requer que a alma se eleve acima de si mesma. A partir de então, a vida contemplativa não é mais entendida, como era para Aristóteles, a do erudito, privilegiando o conhecimento e a reflexão, mas se torna para Plotino a “fuga” para o Uno. A ascensão da alma para o Uno é o seu retorno à pátria, porém, para este retorno da alma ao Uno é importante que o ser

humano altere a sua visão para um despertar contemplativo, onde a sua alma se torna apta para contemplar as hipóstases.²²

Depois de Plotino a vida contemplativa não poderia ser pensada fora da mística, assim abriu-se uma nova perspectiva para os pensadores cristãos, principalmente entre os padres gregos²³ do século IV em diante, que de maneira brilhante conciliou a vida espiritual (contemplativa) cristã e a *theoria* platônica com a linguagem da contemplação plotiniana. Também não podemos nos esquecer de dois autores que realizaram de maneira inteligente a junção entre a concepção contemplativa do neoplatonismo e a experiência mística no interior do cristianismo e que, influenciou toda tradição mística medieval latina, a saber, Agostinho, especialmente com sua obra *Trindade*²⁴ e Pseudo-Dionísio, o Areopagita²⁵, com sua obra *Teologia Mística*.²⁶

Mestre Eckhart foi herdeiro tanto do neoplatonismo de Plotino quanto de Agostinho e Pseudo-Dionísio, assim como de seu mestre Albert Magno. Contudo, a sua mística especulativa não se contentou em simplesmente repetir essa tradição mística, mas de forma singular pronunciou uma linguagem inovadora e surpreendente dando vitalidade a uma corrente que ficou conhecida por “mística

²² “Do grego *hypo*, sub, debaixo, e *stasis*, o que está, o sub-posto; o suporte. É o termo que se emprega para indicar a *subsistência*, a *sistência* que está *sob*. É um conceito metafísico, que afirma que a substância é “possuidora de si mesma”, cuja presença tem um *ubi* intrínseco, que é subsistente em seu ser.” (Cf. SANTOS, M. F. dos. *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. 3. ed. São Paulo: Matese, 1965).

²³ Deve-se dizer que, “a matriz da mística especulativa cristã formou-se inicialmente entre os Padres gregos, mais próximos por tradição, língua e cultura da filosofia grega e, sobretudo, do médio neoplatonismo” (Cf. VAZ, Henrique C. de Lima. *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. Edições Loyola, São Paulo, 2005, p. 42).

²⁴ Obra disponível em português: AGOSTINHO, *A Trindade*. Tradução do original latino e introdução de Agustino Belmonte: revisão e notas complementares Nair de Assis Oliveira. 2ª Ed – São Paulo: Paulus, 1994 – (Patrística).

²⁵ Até o século XIX, Dionísio Areopagita foi considerado o discípulo de São Paulo convertido em 51 d.C. Portanto, com o avanço das pesquisas, se descobriu que Dionísio se tratava de um monge que recebera o nome de Dionísio, e que provavelmente se refere a um autor que viveu entre o fim do século V e a metade do século VI d.C. Ver estudos de RUH, *Storia della mística occidentale*, vol, I, trad. Michele Fiorillo, Milano: Vita e Pensiero, 1995 p. 35.

²⁶ Existe uma excelente tradução e comentário em português desta obra realizada por Mário Santiago de Carvalho, lançado pela revista MEDIAEVALIA: textos e estudos, 10 (1996). Sua tradução é acompanhada pelo texto grego da recente edição crítica, publicado por Günter Hei e Adolf Martin Ritter no vol. II do Corpus Dionysiacum, em curso de edição na coleção *Patristische Texte und Studien*, da editora alemã Walter de Gruyter de Berlim.

renana” no século XIV.²⁷ Outrossim, a mística eckhartiana se apresentou como inovadora no sentido de que o mestre dominicano “ao contrário do que se pode imaginar, traduziu uma potente chamada ao cotidiano” (TEIXEIRA, 2017, p.39), Eckhart utilizou uma linguagem mística que não se limitou apenas ao campo do simbólico, mas ao concreto e ao prático, de olhos bem abertos aos desafios da vida prática. Igualmente, sua mística do “caminho da união com Deus, fortalecido pelo desprendimento e pela pobreza interior, que pode ser também identificado com o nascimento de Deus na alma, é a porta de acesso à vida ativa” (op. cit., 2017, p. 40), isto é, toda a sua experiência mística do divino vivo no interior, também se revela na situação histórica do homem.

Por certo, não estamos exagerando em nossa reflexão, que o sermão de número 86, *A excelência de Marta sobre Maria*, demonstra a tese de que em Mestre Eckhart qualquer fuga do mundo, do cotidiano, ou seja, do distanciamento da vida prática se configura como um equívoco. Neste sermão o mestre e pregador²⁸ dominicano não apenas inverteu as “prioridades”, mas enxergou na figura de Marta uma vida com excelência. Para ele, foi Marta quem viveu uma vida mais evoluída, livre e fecunda.

Compete-nos agora direcionar a nossa atenção ao sermão de número 86, e assim compreendermos a virada hermenêutica de Mestre Eckhart das figuras de Marta e Maria. Sob o mesmo ponto de vista, precisamos compreender de que maneira esta mudança de paradigma interpretativo possibilitou para Eckhart uma defesa à vida prática, por isso a nossa pergunta é pertinente: Ao apontar a superioridade de Marta sobre Maria, Eckhart estaria apenas invertendo a leitura tradicional da cena? Ou será que a sua escolha em elogiar Marta não seria um modo

²⁷ Ver, LIBERA, Alain de. *La mystique rhénane: D’Albert le grand à Maître Eckhart*. Paris: Seuil, 1994.

²⁸ Maiores detalhes sobre a relação entre a experiência de *magistro* e *praedicare* em Mestre Eckhart pode ser encontrada em: RUH, Kurt. *Meister Eckhart. Teologo, Predicatore, Mistico*. Brescia: Morcelliana, 1989. Tradução de M. Vannini. Título da edição original: *Meister Eckhart: Theologe – Prediger – Mystiker*. Meister Eckhart: *Teacher and preacher*. Translated by Bernard McGrinn. Paulist Press, New York, Mahwah, Toronto, 1986

de suspender a dicotomia e superioridade da vida contemplativa sobre a vida ativa? Veremos.

3 – Maria, o modelo de uma contemplação ainda inadequada.

Atento a configuração da cena bíblica, Eckhart nota que o primeiro “movimento” de Maria foi escolher não se movimentar. Ele nota que tal atitude de Maria contrapõem a ação de Marta, ou melhor, enquanto a anfitriã é apresentada se movimentando de um lado para o outro, sempre preocupada em servir o hóspede, Maria se acomoda sentando aos pés de Jesus. Ora, no primeiro momento, o comportamento de Maria até nos parece correto, dado que durante o tempo em que Marta estava preparando a refeição, sua irmã oferece toda a hospitalidade ao hóspede. Contudo, para Mestre Eckhart, a presença do Cristo amado não gerou em Maria qualquer movimento **prático**, apenas um estado de contemplação. Mas o que levou Maria esquecer dos afazeres do cotidiano e se prender aos pés de Jesus? Eckhart enumera três razões em nada negativas, são elas:

A primeira era que sua alma estava tomada pela bondade de Deus. A segunda era um desejo indizível: ela ansiava e não sabia o porquê, queria e não sabia o quê. O terceiro era um doce consolo de um contentamento que ela hauria das palavras eternas que ali escorriam da boca de Cristo (ECKHART, 2008, p. 126).

Maria foi tomada pela bondade de Deus. Isso significa que, a sua alma foi seduzida ou até mesmo “presa” pela bondade de Deus. Existe nesse estado de contemplação de Maria, algo que Eckhart percebe como perigoso, ou seja, a “perca” dos sentidos. Podemos perceber esta verdade na seguinte afirmação: “ansiava e não sabia porque, queria e não sabia o quê” (op. cit., 2008, p.126). Maria procurava, mas não sabia o quê, seus desejos eram desprovidos de um objeto, mas também de um objetivo, a imagem é de alguém totalmente desorientada. Conforme a perca de seus sentidos, se tornou difícil para Maria enxergar o que se achava em sua volta, como, por exemplo, os afazeres. A alma de Maria encontrava-se amarrada em estado de

contemplação que não lhe permitia ver o que acontecia ao seu redor, logo, “presa” em si mesma não conseguia perceber o mundo em sua volta.

O equívoco de Maria não se orientou em ter sido tomada pela bondade de Deus, mas por se perder nessa bondade. O que queremos dizer com esta afirmação é que, a tônica de Mestre Eckhart não pode ser entendida como contrária a experiência contemplativa, mas direcionados aos que vivem em um processo contemplativo de esquecimento do mundo, das realidades externas e como este comportamento poderá ser prejudicial à pessoa. A bondade de Deus deveria ter levado Maria a seguir Marta, todavia, isso não aconteceu, já que ela ficou fascinada pelas palavras doces e agradáveis que saíam da boca de Jesus. O fascínio de Maria pode ser interpretado como um processo de “esquecimento contemplativo”, semelhantemente, de experiências de êxtases que comunga de uma perda dos sentidos e das coisas concretas do mundo.

Mestre Eckhart também entende que o pedido de Marta a Jesus para que ordenasse Maria a ajudá-la, não pode ser interpretado como se a irmã mais velha estivesse com inveja do lugar que a outra estava ocupando, mas seu desejo de torná-la completa:

Senhor, ordena que ela se levante, como se dissesse: Senhor gostaria que ela não ficasse sentada ali pelo prazer; gostaria que ela aprendesse a viver, para que possua a vida de maneira essencial. Ordene que ela se levante, que se torne completa (ECKHART, 2008, p. 133).

A expressão de Marta: “ordene que ela se levante”, é na verdade, um convite para que Maria se desloca daquela satisfação de prazer e contentamento para uma vida ativa, por isso, levantar neste caso está relacionado a um pedido de ação. Enquanto Maria continuasse sentada aos pés de Jesus seria sempre incompleta.

A vida integral consiste na junção entre a contemplação e ação. Entretanto, Maria escolheu a ciência e a escuta, em seu contentamento, desdenhou dos cuidados com as necessidades básicas da vida e da caridade. Maria se tornaria, completa, se se levantasse (diante do mundo) e se retornasse para o “chão da vida”.

Por este motivo, a salvação de Maria é tornar-se Marta no sentido de unir a transcendência à imanência, a contemplação à ação, e não viver em um estado de gozo e tranquilidade servindo a si mesma.

A crítica ao arrebatamento inadequado de Maria significa apresentar ao seu público os erros que o homem poderá cometer em escolher “apenas” o estilo de vida contemplativa. Para Eckhart o homem integral não apenas vive na transcendência de tranquilidade da alma, mas se comunica com o mundo e com as pessoas, por isso diz: “Se alguém está como esteve Paulo em arrebatamento místico e sabe que algum doente deseja um prato de sopa, é melhor deixar o arrebatamento e ir atender o enfermo necessitado” (BOFF, 1983, p. 47), igualmente: “Na contemplação você se serve a você mesmo, nas boas obras serve a muita gente” (BOFF, 1983, p. 47). À vista disso, a tese de Eckhart é que nenhuma experiência contemplativa deverá ser destituída de ação no mundo e da preocupação com o outro (caridade).

Antes de deslocarmos a nossa leitura para o próximo tópico, é importante ressaltar como destaca Dietmar Mieth, que “para Eckhart, Maria não é um símbolo de um estado final contemplativo, mas da pessoa iniciante que ainda está em exercício e precisa aprender” (2018, p. 202). Das duas irmãs, Maria era a mais jovem e, evidentemente, quanto mais idade se tem, maior experiência de maturidade, e isso para Eckhart era importante. Maria era jovem, logo era imatura. Tal imaturidade pode ser notada em sua má compressão do estado contemplativo que a colocou em uma situação de distanciamento dos afazeres diários. A experiência de Maria não é o clímax da contemplação, mas o começo, o ponto de partida, e é natural que no início de um estado de vida haja ocorrências de alguns erros. Desta maneira, não se pode deliberar qualquer crítica a Mestre Eckhart de simplesmente inverter as prioridades, de ter sido insensível a vida contemplativa ou de opor os dois estilos de vida (contemplação e ação), ao contrário, o que ele desaprova em Maria são seus descuidos de uma vida contemplativa iniciante.

4 – Marta, um modo de estar presente no mundo.

A figura de Marta é citada por Mestre Eckhart em dois sermões.²⁹ No sermão em que o mestre dominicano recorre a figura de Marta (sermão 2, *Intravit Jesus in quoddam castellum et mulier quaedam, Martha nomine, excepit illum in domum suam*) é para explicar os dois movimentos da alma, sendo o primeiro como virgem: “Prestai, pois, muita atenção a esta palavra: Necessariamente deve ser assim, que fosse virgem, ela, a pessoa por quem Jesus foi recebido” (ECKHART, 2009, p. 46), e o segundo, como fecunda: “Para tornar-se fecundo, é necessário que seja mulher. “Mulher” é o nome, o mais nobre que se pode atribuir à alma, e é muito mais nobre do que moça-virgem” (op.cit., 2009, p. 47).

A interpretação de Marta como virgem representa a interioridade³⁰ “livre de todas as imagens estranhas, tão livre como era quando ainda não era” (op.cit., 2009, p. 46), designa a liberdade radical para além de qualquer definição e distinção entre Deus e criatura, entre unidade e multiplicidade. O segundo movimento da alma é de fecundidade, de olhar para o mundo das coisas terrenas e despertar para a existência dos desafios do mundo. Embora a alma interior unida a Deus pareça ser o ponto de chegada do estado contemplativo em Mestre Eckhart, isto não significa a total perfeição, pelo simples motivo de que a alma enquanto virgem não gera absolutamente nada, é totalmente inerte³¹. Enquanto a alma continuar virgem, não haverá nenhuma dinâmica com o mundo, portanto, é necessário que ela se torne fecunda e se torne mais perfeita a partir também da experiência da ação das obras, do cuidado com o outro e com a vida em geral. Este segundo movimento da alma em Marta, de virgem para mulher, é a passagem para o sermão de número 86.

²⁹ MESTRE ECKHART. *Sermões alemães 2*, p. 46; *Sermões alemães 86*, p.126.

³⁰ [...] “e a interioridade não se volta aos cinco sentidos senão enquanto é seu chefe, guardando-os de se entregarem como animais ao objeto sensível, tal como o fazem certas pessoas que vivem na libertinagem dos seus desejos carnis, e procedendo como animais sem razão” (Cf. ECKHART, 2016, p. 27).

³¹ [...] “Agora prestai atenção e observai com precisão! Se o homem permanecesse para sempre moça-
virgem, dele não viria nenhum fruto” (Cf. *Sermões Alemães 1*, p. 47).

Mestre Eckhart inicia o sermão de número 86 destacando a atitude nobre de Marta, a conhecer, sua hospitalidade.³² A anfitriã Marta recebe o hóspede de bom grado. Como matrona, sua vida se configurava no *labor* do lar, em vista disso não se aquietava, “andava de um lado para o outro” (op. cit., 2008, p. 126). A agitação de Marta não era desinteressada, seu objetivo principal era servir o hóspede, o Cristo. A finalidade da ação de Marta não é atender os seus desejos, mas servir o outro, neste caso, servir o visitante.

Para Eckhart (2008) também existiam três razões que movia Marta de um lado para o outro. Vamos compreender as suas razões:

Também Marta era movida por três razões, que a fizeram movimentar-se e servir ao caríssimo Senhor Jesus. Uma era a sua idade de matrona e o modo de ser empenhada e dedicada ao extremo. Por isso acreditou que a nenhuma outra convinha a atividade como a ela. A outra razão provinha de uma sábia ponderação que sabia orientar a atividade externa para o melhor que o amor possa ditar. O terceiro motivo: a suma dignidade do caro hóspede (BOFF, 1983, p. 85).

Marta, por desfrutar de uma idade mais avançada que sua irmã Maria, construiu uma terra fértil em experiências, e isso a fez pensar que ninguém poderia desenvolver o trabalho tão bem quanto ela. A segunda razão encontra-se na maturidade de sua reflexão que lhe permitiu realizar trabalhos externos com toda a perfeição de um coração gratuito e amoroso. Marta não trabalhava porque era obrigada, ao contrário, a finalidade de sua ocupação era o hóspede, portanto, todas as suas atividades são realizadas por amor. No terceiro momento, a matrona percebeu o princípio da hospitalidade. Diferentemente de sua irmã, Marta já havia acolhido o Cristo em seu coração, sendo assim não existia qualquer tensão ou contradição que podia marcá-la: estar próximo de Jesus era também estar “distante”. A anfitriã ao acolher primeiramente Cristo em seu coração viveu a experiência

³² A linguagem e o cenário da narrativa de Marta e Maria é uma reminiscência do costume social da hospitalidade antiga, geralmente entendida, no mundo antigo, como se referindo à bondade demonstrada a estranhos. A hospitalidade era um costume altamente valorizado e presumivelmente uma prática ampla entre os pagãos, judeus e cristãos. Esperava-se que os anfitriões fornecessem comida, abrigo e proteção a possíveis viajantes.

transcendental de unidade, portanto, demonstrou que nada além de Deus pode ser o vínculo último do homem, porém, não se pode excluir o corpo no caminho para Deus, das ações individuais que surge da prática do cotidiano.

5 - Marta, do desprendimento a ética

Mestre Eckhart escreveu um tratado onde fez questão de dizer que o desprendimento é a virtude mais nobre e mais elevada, até mesmo que o amor. Para tal, era necessário que o ser humano esvaziasse de si mesmo e de tudo relacionado à criatura. Mas de onde vem essa palavra cunhada por Eckhart? Leonardo Boff responde:

Abgeschiedenheit, palavra cunhada por Mestre Eckhart, e é de difícil tradução (em francês *détachement*, em inglês *detachment* ou *desinterest*). A esta em conexão com disponibilidade plena, com liberdade de e para, desprendimento, pobreza, despreocupação, esvaziamento de si, perfeito equilíbrio interior. As descrições que Eckhart faz da *Abgeschiedenheit* nos revelam as distintas significações. Todas as significações não visam a si mesmas, se não abrir o homem a presença de Deus em todas as situações e estar em união com ele (1983, p. 87).

Recorrendo ao tratado, *Do desprendimento*³³, de Mestre Eckhart, verifica-se que o desprendimento se trata de uma atitude fundamental do ser humano que *esvaziando* de si mesmo, do querer, do saber e o do ter, se movimenta em direção a união eterna com o divino. Assim, o verdadeiro desprendimento consiste em “que o espírito permaneça tão insensível em face de todas as vicissitudes da alegria e da dor, das honrarias, dos ultrajes e dos insultos, como uma montanha de chumbo é insensível a um sopro de vento” (ECKHART, 1999, p. 151).

No início do sermão de número 53, Mestre Eckhart apresenta um resumo do desprendimento que pode nos ajuda a compreender melhor a utilização deste

³³ Existe duas traduções brasileiras deste tratado, publicadas: *O desprendimento, a completa disponibilidade, a total liberdade* (MESTRE ECKHART, *O livro da divina consolação e outros textos seletos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 147-158) e *Sobre o desprendimento* (MESTRE ECKHART, *Sobre o desprendimento e outros textos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 1-27).

conceito: “Quando prego, costumo falar do desprendimento e que o homem deve estar vazio de si mesmo e de todas as coisas” (ECKHART, 2009, p. 293). Nesta perspectiva, o desprendimento pode ser entendido como ser livre de si mesmo e de todas as coisas, assim, estamos diante de uma forma radicalmente nova de ver o ser humano e o mundo. É exclusivamente pelo desprendimento que o ser humano atinge uma visão sacralizada de si e do mundo, contanto que se *desamarre de si mesmo* e viva sem *sem-porque*.

Ao definir o que seja desprendimento em Mestre Eckhart não podemos nos esquivar das seguintes questões: o desprendimento possui uma relação com a alma interior? Se o desprendimento se configura em um total desapego de todas as coisas como então é possível estabelecer uma conexão com a vida prática? Não seria uma contradição interligar o desprendimento com a vida ativa?

Com relação a primeira questão o leitor atento observará que o conceito de desprendimento elaborado por Mestre Eckhart procura uma estreita conexão com o interior do homem. Existe em Eckhart uma defesa incansável à vida interior, e isso não significa, como se elaborou em tópicos anteriores deste artigo, que o mesmo descartasse a vida externa, aliás, a vida interior e externa faz parte da mesma alma, a diferença é que uma trata das coisas do fundo da alma e a outra dos sentidos, mas que na concepção do autor, não se pode confundir ambos aspectos da alma.

A alma interior percebe as essências das coisas, em virtude de sua pureza e silêncio absoluto, mas também porque é justamente em seu interior, em seu abismo, onde não existe forma, imagem ou criatura, que se encontra uma “centelha de Deus”.³⁴ Assim também, este “nascimento” de Deus e sua relação unitiva com a

³⁴ Esta afirmação pode ser confirmada na seguinte citação: “Nossos mestres dizem: A alma se chama um fogo por causa da força, do calor e do brilho que nela existe. Outros dizem que ela é uma centelha de natureza celeste. Outros dizem que ela é uma luz. Há os que dizem que ela é um espírito e outros que é um número. Como não encontramos nada tão límpido e puro como o número, queriam nomear a alma com algo que fosse límpido e puro. Nos anjos há número - fala-se de um anjo, dois anjos. Também na luz há número. Por isso nomeiam a alma com o que há de mais límpido e puro e, no entanto, ainda não tocam a alma até o fundo. Deus, que é sem nome - ele não tem nome -, é indizível e a alma no seu fundo é igualmente indizível como ele é indizível” (Cf. *Sermão Alemão 17* (ECKHART, 2006, p. 126). Para melhor compreensão do conceito do “nascimento de Deus na alma”, ver: SANTOS, Bento Silva. *O Gottesgeburtzyklus de Meister*

alma poderá ser pensada adjunto ao desprendimento, uma vez que para efetivação desta união com o Absoluto, é necessário que a alma seja livre, desprovida de todo apego disto ou daquilo, para então alcançar a vida perfeita. Neste sentido, não há proximidade absoluta entre Deus e a alma, se não houver, primeiramente, a total liberdade que é a base do desprendimento.

Em conformidade com este pensamento, podemos dizer que é impossível qualquer união com o infinito, sem o desprendimento. Este mesmo desprendimento, ao ser pensado em proximidade com a interioridade humana, manifesta-se, no primeiro momento, “virgem”. Como reparamos no tópico anterior, no sermão de número 1, enquanto o homem continuar virgem, nada produzirá. Aliás, Adriana Andrade de Souza, em seu texto declara que a “interpretação eckhartiana do termo bíblico “virgem” equivale praticamente àquilo que o autor evoca com sua doutrina do desprendimento, ou seja, à necessidade de uma liberdade desprovida de todo apego a isto e aquilo” (2018, p.1507). Porquanto, a impressão que se tem é de um desprendimento alienado na interioridade humana, desprovido de qualquer vínculo com a vida externa, inerte a qualquer ação. Mas será que a total liberdade do desprendimento acontece definitivamente apenas na interioridade?

Assim como Marta tornou-se mulher, sendo ainda virgem, o desprendimento reage, no segundo momento, em direção a vida externa. Entretanto, o que não poderá ser invertida é a ordem estabelecida por Eckhart, a saber, no primeiro instante o desprendimento mergulha no mais profundo da interioridade humana, e depois, no segundo instante, atinge seu objetivo na atividade humana. Assim, “em Eckhart, a liberdade do desprendimento só pode acabar em atividade. O cume do desprendimento é a unidade de Deus e homem na fecundidade da mulher” (op.cit., 2018, p.1563).

Eckhart: a mística fundamental do "nascimento de Deus na alma"(Sermões 101 a 104). Mirabilia: Revista Eletrônica de História Antiga e Medieval, n. 14, p. 7-11, 2012.

O desprendimento, tal como Eckhart o compreende, pode ser percebido na postura de Marta, especialmente, porque aponta para alguns pressupostos éticos interessantes. Movemo-nos então para a relação entre desprendimento e ética na figura de Marta.

Mestre Eckhart afirma, se referindo a Marta:

Tu estás junto às coisas e as coisas e não estão em ti. E cuidados são aqueles que em todos os afazeres se encontram sem impedimentos. Sem impedimentos estão o que executam ordenadamente todas as suas obras seguindo as imagens da luz eterna (op.cit., 2008, p. 128).

Com relação a Marta, Eckhart faz distinção entre “estar próximo das coisas” e “nas coisas” (*bî den dingen / in den dingen*). Tal distinção permite que o nosso autor dominicano interprete a figura de Marta como alguém desapegada, de fato, de um espírito livre e assim nada a impedia. Ela estava perto das coisas externas, mas não se prendia a elas, sua alma não se limitava às contingências das coisas deste mundo, mas se manifestava na liberdade de percorrer a multiplicidade na unidade. Ela se preocupava com tantas coisas (multiplicidade), todavia, a sua alma não estava presa as coisas, não deixava ser levada pela exterioridade. Isso não significa uma ruptura total com a exterioridade, mas uma nova maneira de pensar e se relacionar com as coisas, atenta ao mundo e ao mesmo tempo, desapegada das coisas.

Marta é o exemplo de ser humano que vive o desprendimento. A sua virtude não se encontra unicamente em obras, mas na capacidade que têm de viver o desprendimento, o desapego, o desligar-se, e não ser confundido com as próprias obras. Sua ética não permite o ter, mas o ser, isto é, ser generosa, acolhedora e desinteressada. Não raro, Marta vive a verdadeira disponibilidade porque estava atenta não ao que poderia receber, mas ao que conseguiria doar.

Com efeito, desprendida, Marta é mais vigilante, e isto se caracteriza, para Éric Mangin, o próprio desprendimento:

No entanto, mantém certa distância e não será confinado por suas ocupações e preocupações. Seu desapego é a vigilância. Está

renovada relação às coisas e pessoas é realmente o fruto de seu relacionamento com Deus. Sua união com Deus permite-lhe estar atento a outras coisas exterior” (2000, p.313, tradução nossa).³⁵

Marta é atenta as suas ações. Ela poderia simplesmente tratar a postura de esquecimento de Maria como algo menos importante, mas sua vigilância a levou em direção ao resgate de sua irmã, como declara Eckhart: “Marta receava que sua irmã ficasse parada naquela doçura e naquele prazer; por isso desejava que ela amadurecesse como ela mesma” (op.cit., 1983, p.88). O que se percebe, é que a vigilância de Marta não se configura como um jeito de limitar a sua irmã, ao contrário, sua ação é realizada com zelo demonstrando todo cuidado possível.

A vigilância de Marta a conduz de maneira livre ao cuidado do outro (Maria). Por isso, a possibilidade de uma ética do cuidado em Mestre Eckhart não poderá ser pensada em contradição com o desprendimento, visto que para o cuidado do outro, o que está envolvido é também o desprendimento de si mesmo. Ninguém que prática uma ética do cuidado pode apegar-se a si mesmo, da mesma forma, que o amar a Deus é amar o outro, se converter é amar Deus em vista do outro e não amar o outro em vista de si.

Tendo em vista a ética do desapego de Eckhart, não é correta a interpretação que o desapego é totalmente insensível e ausente das perturbações externas. O homem desapegado consegue gerar uma preocupação legítima, unido a Deus, qualquer dualidade entre interior e exterior é superada, de tal modo que o desapego introduz uma responsabilidade para com os outros e permite um relacionamento saudável entre as pessoas. Marta, desconforme a sua irmã Maria, não a culpa pela contemplação equivocada, ela observa a situação com objetividade, pois possui maior clareza da situação, por isso deseja o melhor para ela.

³⁵ “*Pourtant, elle maintient une certaine distance et ne se laisse pas enfermer par ses occupations et ses préoccupations. Son détachement est vigilance. Cette relation renouvelée aux choses et aux personnes est en réalité le fruit de sa relation avec Dieu. Son union à Dieu lui permet d'être autrement attentive aux choses extérieures*”.

6 - A solução de um problema

Mesmo apontando as razões da superioridade de Marta sobre Maria, Eckhart entende que para convencer os seus ouvintes terá que interpretar esta parte da perícopa: “O Senhor, porém, respondeu: Marta, Marta, tu te agitas por muitas coisas; no entanto, pouca coisa é necessária, até mesmo uma só. Maria, com efeito, escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada” (BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. 2015, p.1808). Eckhart responde este trecho da perícopa em três partes. Na primeira parte concentra a sua atenção na expressão de Jesus em dizer o nome Marta por duas vezes:

Diz Isidoro: Não padece dúvida de que Deus, antes de ter-se feito homem, jamais teria chamado pelo nome uma criatura humana que depois se perdesse eternamente; com relação àqueles, porém que Ele não chamou pelo nome, a questão fica aberta. Cristo, ao chamar Marta pelo nome, era levado pelo seu eterno saber: saber perfeito e anterior à criação, saber este consignado no livro vivo: «Pai-Filho Espírito Santo». Quem tiver o seu nome consignado neste livro, e se Cristo pronunciou tal nome, seguro está de que jamais se perderá. Testemunhas nos sejam Moisés, a quem o próprio Deus falou dizendo: «Eu te conheci pelo teu nome» (Ex 33,12) e Natanael, a quem disse o bom Jesus: «Eu te conheci quando estavas debaixo da figueira» (Jo 1,50). A figueira é a imagem da alma que não se fecha a Deus e cujo nome desde sempre está inscrito nele. E assim consta que homem algum se tenha perdido ou no futuro pereça, se o bom Salvador com sua boca o tiver chamado pelo nome; pois registrado está dentro do Verbo Eterno, isto é, no livro que Ele mesmo é (op.cit., 1983, p.86).

O nome para Eckhart não significa simplesmente a individualidade da pessoa, mas é um chamado. Em latim *vocatio* significa “chamado”, cujo a raiz é *vox*, onde traduzimos por “voz”. Ao dizer Marta duas vezes, Jesus estava confirmando a sua vocação, tanto que o seu nome reafirmava o que se encontrava unicamente no interior do Verbo Eterno: “Ao repetir o nome «Marta», Jesus quis significar que também nada faltava de quanto era necessário para alcançar a vida eterna” (op.cit., 1983, p.86). Ao mesmo tempo, nomear implica no finito conhecimento das coisas temporais, pois, “com a primeira indicação insinua a perfeição dela, nas ações

temporais” (op.cit., 1983, p.86), logo, ao repetir o nome de Marta, Jesus confere a sua vocação, mas também testemunha sua plenitude na vida prática. Não há contradição.

Na segunda parte Eckhart orienta o seu olhar para a expressão: “tu te preocupas e afliges por muita coisa”. Então declara: “Jesus disse isto a Marta, não em tom de censura, mas antes lhe deu uma informação e a esperança de que Maria ainda iria dar naquilo que ela almejava” (op.cit., p.86). O objetivo de Jesus não era reprovar o estilo de vida de Marta, mas sim transmitir um conhecimento importante: “uma coisa é necessária. O que é isso? É o Um, é Deus” (op.cit., 2008, p. 131). Essa é uma informação fundamental no pensamento de Eckhart, ainda mais porque “todo pensamento eckhartiano é dominado pela exigência absoluta da unidade” (RASCHIETTI, 2004, p. 26). Do mesmo modo, em Eckhart o “Uno torna-se o primeiro nome divino, princípio único de todos os nomes, de toda expressão do inexprimível” (LOSSKY, 1998, p.64). Essa unidade divina que tudo compreende é o que existe de primordial, e Marta deve possuir este conhecimento, em outras palavras, de que o Uno (*Unum*) significa totalidade, portanto, toda ação como também a contemplação, necessitam da unidade, mesmo diante da multiplicidade das coisas sensíveis.

A terceira parte: “quando Maria estava sentada aos pés do Senhor, ela, ainda aprendia, pois apenas tinha sido recebida na escola e apenas aprendia a viver” (op.cit., 1983, p. 89). Maria escolheu a melhor parte porque estava “próxima” de Deus. A ênfase não é a proximidade, mas Deus, o Uno. Eckhart entende que Maria preferiu a melhor parte, não porque se entregou ao prazer da contemplação, mas porque se manifestava naquele instante o Uno. O que Maria não compreendia era que a contemplação deveria alcançar o desprendimento do próprio Deus, o total desapego, igualmente, estar próximo de Deus caracterizava se desprender de si mesmo. Não obstante, Maria adjunta a Deus teria a possibilidade de um dia tornar-se Marta, pois a “maior graça que uma criatura pode receber há de ser concedida

também a ela. Será também ela bem-aventurada como tu” (op.cit., 1983, p. 88), eis aí a “melhor parte”.

Em resumo, as palavras de Jesus a Marta não podem ser entendidas, segundo Eckhart, como se o Cristo houvesse defendido o estilo de vida contemplativa de Maria e rejeitado a vida prática de Marta. A questão central não é a distinção e hierarquia de um estilo de vida, mas repensar ambos os estilos de vidas e torna-los uníssomos, de tal maneira em que exista a possibilidade de pensar a contemplação na ação e a ação na contemplação.

Considerações finais

Embora Mestre Eckhart pode ser situado nas práticas exegéticas de seu tempo, isso não o limitou. O diálogo e, ao mesmo tempo, o confronto de ideias apresentadas neste sermão presta-se a responder uma das principais questões: se existe alguma relação entre vida contemplativa e vida ativa? Por longos séculos este debate animou filósofos antigos e medievais, elegendo sempre um estilo de vida em detrimento da outra, porém, Eckhart confrontou essa tradição e apresentou algumas diretrizes para este problema, a saber, repensou a vida contemplativa a partir da vida ativa.

A reinterpretação dos conceitos de contemplação e “práxis” produzida por Mestre Eckhart baseados nas figuras de Marta e Maria pode ser uma mudança de paradigma da mística especulativa. Como observamos no sermão de número 86 e em outras obras, Eckhart não percebeu a contemplação intelectual das essências e modelos eternos como justificativa para a fuga do mundo, não se isolou em um monastério para “purificar” a sua alma, antes se voltou para as coisas deste mundo. Sua análise positiva da vida prática desconstruiu a perspectiva de uma mística racional não apenas voltada ao desnudamento do mundo, do esvaziamento exterior, mas de inserção no mundo, penetrando nas realidades mais concretas da existência e tornando um mundo mais transparente.

Eckhart fez um percurso, no nosso modo de ver, da mística para a ética, porém, de uma ética do sacrifício e do cuidado. Seu conceito ético não se empenha em olhar primeiramente para fora, mas para o interior do ser humano. É importante, antes de qualquer ação no mundo, olhar para dentro de si, no mais profundo da alma na intenção de autoconhecimento e assim experimentar a radical liberdade do desprendimento. O desprendimento é o caminho para uma ética do sacrifício, em virtude de que, é preciso praticar o desapego e sacrificar os nossos desejos para atender o cuidado do outro em suas necessidades.

Referências bibliográficas

AGOSTINHO, Santo Bispo de Hipona. *A Trindade*. Tradução do original latino e introdução Agustino Belmonte: revisão e notas complementares Nair de Assis Oliveira. 2ª Ed – São Paulo: Paulus, 1994 – (Patrística).

BELDA PLANS, Manuel. *Trabajo profesional y contemplación en los comentarios de san Josemaría Escrivá al pasaje de Marta y María en Betania (Lucas, 10, 38-42)*. Roma, v. III/5, p. 145-158, 2018

BOFF, Leonardo. *Mestre Eckhart: A Mística do Ser e de não Ter*. trad. Raimundo Vier, Fidelis Vering. Vozes, Petropolis, 1983.

CASSIEN, Saint Jean. *Conférences*, XXII, 3, éd. et trad. Eugène Pichery, Paris, Le Cerf, 1955, tome 3.

ECKHART, Mestre. *Sobre o Desprendimento*. São Paulo, Martins fontes, 2004.

_____. *O Livro da Divina Consolação e Outros Textos Seletos*. 4º Ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1999.

_____. *Sermões Alemães: sermões 1 a 60*. Tradução e introdução, Enio Paulo Giachini. 2º Ed. Bragança Paulista: Editora Universitaria São Francisco; Petrópolis; Vozes, 2008.

_____. *Sermões Alemães: sermões 61 a 105*. Trad. Enio Paulo Giachini. 2º Ed. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis; Vozes, 2009.

LOSSKY, V. *Théologie Négative et connaissance de Dieu chez Maître Eckhart*. Paris: Librairie Philosophique, 1998.

MIETH, Dietmar. *Im Wirken schauen Die Einheit von vita activa und vita contemplativa bei Meister Eckhart und Johannes Tauler*. Geman Edition, wbg Academic. Edição do Kindle, 2018.

MONGIN, Eric. *La figure de Marthe dans le Sermon d'Eckhart. Modèle du véritable détachement et réponse à certaines derives spirituelles*. Revue des Sciences Religieuses, 74, n° 3, 2000.

ORIGIN. *Homilies on Luke. Fragments on Luke*, ed. Joseph T. Lienhard. Washington, DC: Catholic University of America Press, 1996.

PORTUGUÉS, Juan José de Paiz. *Marta y María en Betania. La interpretación de Lc 10, 38-42 en autores espirituales del siglo XX*. 2016. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontificia Universidad de la Santa Cruz, Roma, 2016.

RASCHIETTI, Matteo. *Quaestiones Eckhartianae: o Uno e o Ser, a Alma, e Agora Eterno, o Nascimento do Logos*. Dissertação de mestrado. Unicamp, Campinas, p. 195, 2004.

TEIXEIRA, Faustino. *Na fonte do amado: malhas da mística cristã*. São Paulo. Fonte Editorial, 2017.

_____, *Caminhos da mística*. (livro eletrônico), São Paulo: Paulinas, 2018 – (coleção religião e cultura) 756 Kb; ePUB.

TOMÁS DE AQUINO, Santo. *Suma teológica*. Questões 123-189: volume 7, 2. ed. - São Paulo Edições Loyola, 2013.